

CONIMBRIGA



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA



VOLUME XLVI - 2007

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

MÁRIO VARELA GOMES

Academia Portuguesa da História e Academia Nacional de Belas-Artes

VASO MELEIRO, DE IDADE SIDÉRICA, DOS ARRIFES DO POÇO
(ALJEZUR, ALGARVE)

“Conimbriga” XLVI (2007) p. 73-88

RESUMO: Dá-se a conhecer recipiente singular, cuja forma, técnica de fabrico e decoração, indicam destinar-se a uso particular, como vaso meleiro. A análise das suas características permitiu atribuí-lo a importação do Levante Peninsular, com cronologia do Período Ibérico Pleno (séculos IV-II a. C.), ou seja da II Idade do Ferro. Os paralelos encontrados, e informação diversa, revelam a importância económica e simbólica do mel, nomeadamente para as sociedades proto-históricas peninsulares.

ABSTRACT: Peculiar vase, which form, making technique and decoration, show its use as a honey pot, is now given to public knowledge. Its characteristics allowed its attribution to Eastern Iberia import, during the Late Iron Age (4th-2nd centuries B.C.). Some parallels and diverse information, reveal the economical and symbolic importance of honey to the iberian protohistoric societies.

(Página deixada propositadamente em branco)

VASO MELEIRO, DE IDADE SIDÉRICA, DOS ARRIFES DO POÇO (ALJEZUR, ALGARVE)

1. O achado

Em Agosto de 2004, o Sr. José Marreiros, activo presidente da Associação de Defesa do Património Histórico e Arqueológico de Aljezur, entregou-nos, para estudo, conjunto de fragmentos de recipiente cerâmico, entre os quais um contendo asa e alguns mostrando restos de pintura, de cor vermelha escura, cuja função e cronologia se desconheciam.

Tais testemunhos arqueológicos haviam sido recolhidos, há alguns anos atrás, por aquele nosso Amigo e pelo Sr. Manuel José de Jesus Marreiros, presidente da autarquia de Aljezur, em local situado a cerca de 600 m a sul daquela povoação e conhecido como Arrifes do Poço ou Vale da Maia. Este integra vertente, por vezes abrupta, que se desenvolve a norte da EN 1003 que parte, para poente, da EN 120 e se dirige, em direcção à costa, para Monte Clérigo, Vale da Telha e Arrifana (Fig. 1).

Segundo as informações prestadas pelos achadores, os fragmentos do vaso encontravam-se incluídos em muro de contenção de terras, denominado valado, e ali colocados aquando da construção de tal estrutura, muito possivelmente no século XIX.

Provém da mesma zona declivosa e em parte artificialmente aterçada, conjunto de alfaias agrícolas de ferro, dadas a conhecer em meados da passada centúria, tal como fragmentos de cerâmicas, decoradas com motivos pintados nas cores branca, vermelha, castanha e negra, então classificadas como islâmicas. Também parece que ali terão surgido algumas sepulturas, levando a concluir tratar-se de zona correspondente a “(...) *uma pequena habitação mourisca, de gente rústica dedicada ao trabalho agrícola.*” (Viana, Formosinho e Ferreira, 1953, p. 117-119, fig. 6, ests I-6, V-62-67).

Os terrenos que constituem os Arrifes do Poço, assim chamados devido a grandes afloramentos rochosos que se conservam na zona e à presença daquela estrutura subterrânea, pertencem à freguesia e concelho de Aljezur e ao distrito de Faro. As suas coordenadas Gauss, aproximadas, são: W 405 383 (seg. a *C.M.P.*, n.º 584, Aljezur, S.C.E.P., 1979).

2. Descrição

Os cerca de trinta fragmentos que nos foram entregues para estudo, encontravam-se devidamente lavados e foram por nós colados provisoriamente, com ligante reversível, tendo possibilitado a reconstituição de cerca de metade do recipiente a que pertenciam (Fig. 2).

No Verão de 2005 deslocámo-nos aos Arrifes do Poço, na companhia do Sr. José Marreiros, de alguns alunos e dos arqueólogos assistentes que conosco então trabalhavam no *ribat* da Arrifana, tendo em vista proceder ao reconhecimento do local do achado, analisar as condições de jazida e tentarmos obter mais fragmentos do vaso. De facto, foi possível, graças ao desmonte de pequeno sector do valado onde se haviam descoberto os pedaços do recipiente que temos vindo a referir, recolher, no interior daquela estrutura, mais três fragmentos que colaram ao conjunto inicial.

O vaso em apreço, montado ao torno rápido, conforme denunciam as estrias horizontais deixadas nas superfícies interiores pelos dedos do oleiro, apresenta corpo com forma esférica achatada, assente em fundo ligeiramente convexo e mostrava bordo subvertical, com lábio plano. Na ligação do bordo com o corpo, desenvolvia-se canal, de secção semicircular, que conteria água impedindo o acesso de alguns insectos ao seu interior. É possível que possuísse tampa, com fecho hermético, encontrando-se, originalmente, provido de quatro asas verticais, opostas duas a duas, algo sobrelevadas e com secção plano-convexa, ou em fita, unindo pontos situados abaixo do bordo a outros do volume mesial do corpo.

As asas, além de funcionarem como elementos de prensão, também serviam para suspender o recipiente, daí o seu número, tendo em vista, mais facilmente, mantê-lo equilibrado.

O vaso foi fabricado com pasta não muito homogénea mas compacta, de cor clara, contendo elementos não plásticos, quartzosos e feldspáticos, de grão fino e, alguns, de grão médio a grosseiro.

A sua cozedura processou-se em ambiente oxidante, em torno aos 800°-900°C, pelo que o núcleo das paredes oferece cor castanha amarelada (10YR 6/4)¹ e ambas as superfícies mostram cor vermelha clara (2.5YR 6/6). À superfície exterior foi aplicado engobe, de modo a alterar-lhe a cor e a conferir melhor isolamento, de cor bege amarelada (7.5YR 7/6), apresentando decoração pintada, de cor vermelha escura e em tom vinho (10R 4/8) (Fig. 3).

Aquela é constituída por quatro grandes métopas, que ocupam as metades superiores das paredes do vaso, situadas entre as quatro asas, sendo delimitadas por duas linhas largas e horizontais na parte superior e por duas outras, paralelas àquelas, na inferior. Lateralmente as métopas foram definidas por estreitas cartelas verticais, formadas por pares de linhas finas, no interior das quais se encontram motivos, também pintados, constituindo gregas. No interior de cada uma das métopas observa-se grande motivo oval apontado, ou fusiforme, totalmente pintado, rodeado, em cada um dos lados, por larga espiral e dois outros motivos ovais, com pequenas dimensões e em contorno.

A superfície exterior das asas mostra, na parte superior, três ou quatro curtas linhas horizontais, de onde parte longa linha vertical e que, já na parede do vaso, se desenvolve em duas espirais de dimensões desiguais.

A parede exterior do canaleto que envolve o bordo mostra, igualmente, linha horizontal pintada abaixo daquele, ali se observando grupos de finos traços verticais, variando o seu número, entre sete e nove.

As pinturas foram executadas com pincéis, de diferentes larguras, e o pigmento utilizado foi, por certo, o óxido de ferro vermelho (hematite), misturado com um fundente (óxido de chumbo ou sílica), conforme acontece com colorantes utilizados nas pinturas vasculares, da Idade do Ferro, de San Antonio de Calaceite (Martin-Bueno e Martinez-Toledo, 1981).

O vaso dos Arrifes do Poço media 0,164 m de diâmetro no bordo, 0,140 m de diâmetro no fundo, 0,220 m de altura, a largura das asas tem 0,040 m e a espessura média das paredes é de 0,008 m.

¹ Os índices cromáticos referem-se às *Munsell Color Charts* (1975) e, por isso, devem entender-se como aproximados.

3. Comentário

Não são comuns, no Sul de Portugal, as cerâmicas de idade sidérica, decoradas através de pintura, com carácter geométrico, fitomórfico ou zoomórfico, ligadas ao mundo cultural ibérico, da Andaluzia e Levante Peninsular. Todavia, conhecem-se exemplares de cerâmicas pintadas, procedentes de Santa Olaia, com origem fenício-púnica, como de Lisboa, Setúbal, Alcácer do Sal, Garvão (Ourique), Silves (Rocha Branca), Faro e de outros locais onde integravam jazidas correspondendo a contextos da genericamente denominada II Idade do Ferro do Sul de Portugal, conforme há anos a definimos, apesar das variações dos perfis e especificidades, cognitivas e culturais, que facilmente se detectam, durante aquele período, nos territórios abrangidos na actualidade pelo Alentejo e Algarve (Beirão e Gomes, 1983, p. 228-231; Silva e Gomes, 1992, p. 167, 173-175).

Também os vasos de cerâmica proto-históricos, providos de profundo rebordo, formando canaleta que envolve o bordo, aos quais se tem vindo a atribuir a função de recipientes destinados a guardar mel, denominando-os “vasos meleiros”, “potes meleiros” ou “talhas meleiras”, por comparação com vasilhas providas de idêntico dispositivo e até há bem pouco tempo em uso, sobretudo em meio rural, não são abundantes no registo arqueológico peninsular, constituindo, o que publicamos, o segundo mais antigo detectado em Portugal.

Os paralelos etnográficos mais conhecidos para as talhas e potes meleiros, possuindo característico canal ou de “pestanas”, são os que eram produzidos no Telhal (Castelo Branco), Fazamões (Lamego), Felgar (Torre de Moncorvo) e em Bizalhães (Vila Real), fabricando-se outros no Sul do nosso país (Fernandes, 2003, p. 69).

Fragmento de pote meleiro, montado ao torno rápido, foi exumado nas ruínas de “monte”, com ocupação sidérica dos séculos VI-V a. C., na Herdade da Sapatoa (Redondo), constituindo o exemplar mais recuado por ora conhecido no Ocidente Peninsular (Mataloto, 2004, p. 87, 93, 216, 217, est. XLIX) (Fig. 4-A).

Bem mais recentes são os restos de quatro potes meleiros encontrados, com fragmentos de cerca de sessenta recipientes de cerâmica comum, na fossa 31 da “Zona das Carvalheiras”, pertencente à antiga cidade de *Bracara Augusta*, talvez na área de casa romana. A fossa terá servido ao aprovisionamento de alterite granítica, usada em argamassas, sendo depois utilizada como lixeira, entre a segunda metade do século I e os finais do século III (Delgado, 1996-97, p. 149, 153).

Os quatro potes meleiros ali recuperados oferecem corpo com forma ovóide, assentam em fundos planos, mostram o canal em torno do colo, bordos estreitos e altos, estavam munidos de asas, verticais ou horizontais, e revestidos por engobe de cor vermelha (Fig. 4-B-E).

Na Região Levantina, da Península Ibérica, apesar da adoção de terminologias arqueológicas que invocam critérios funcionais para denominar as cerâmicas sidéricas e dos primeiros tempos da Romanização, ditas ibéricas, os vasos meleiros têm vindo a ser publicados como recipientes com ressalto, no bordo ou no colo, aludindo ao característico canaletto.

Uma tentativa de constituir catálogo das formas de tais produções, subdivididas em cerâmicas finas (classe A) ou toscas (classe B), conforme a qualidade das pastas e a cozedura, identifica, no grupo (II) das cerâmicas finas, de despensa ou armazenamento, embora com carácter multifuncional, o tipo 1, que corresponde aos recipientes com ressalto (vasos meleiros), representados através de três exemplares, com distinta morfologia e dimensões. Outro vaso congénere foi integrado nas cerâmicas da classe B (Mata Parreño e Bonet Rosado, 1992, p. 119-121, 127, 173). Segundo os critérios indicados no texto que mencionámos, o vaso dos Arrifes do Poço pertence à classe A e às formas fechadas de dimensões médias

Na Catalunha, o povoado ibérico de Turó de Ca n'Olivé (Cerdanyola, Vallès Occidental), situado a norte de Barcelona, entregou fragmentos de pote com dois canaletos em torno do bordo, pertencente à sua fase de ocupação 3B, datada em 230-200 a. C. (Fig. 5-B). Integram a mesma fase conjunto de recipientes pintados, com motivos geométricos, fitomórficos e animalistas. Fragmento de pote, cujo bordo está rodeado por largo canaletto, pertence à fase 4B do mesmo arqueossítio, com cronologia de 100 e 50 a. C., dada a sua associação a ânforas das formas Dressel 1B e 1C, a cerâmicas campanienses A e B ou a cerâmicas de paredes finas, tal como a algumas cerâmicas pintadas (Fig. 5-C) (Asensio e Vilaró, Francès i Farré, Ferrer i Àlvarez; Guàrdia i Llorens, Sala i Navas, 2000-01, p. 188, 194-196).

Também fragmento de vasilha, com o bordo rodeado por canaletto, procede da cisterna do povoado ibérico de El Palao (Alcañiz), no Baixo-Aragão, tendo sido classificado como *pithos* de duplo bordo. Este dispositivo foi interpretado como contentor dos líquidos escorridos da boca do recipiente (azeite ou mel), ou como encaixe para receber tampa (Fig. 5-A).

Aquela peça, com as superfícies de cor ocre-rosada, mostra decoração pintada, constituída por bandas horizontais de cor vermelha e de tom vinhoso, tendo sido genericamente datada nos séculos II-I a. C. (Vidal Bordés, 2003, p. 69, 70, 76).

Vaso possuindo alto canaleto, envolvendo o volume mesial do corpo, foi encontrado no grande povoado de San Miguel de Lória (Valência) e dado a conhecer por D. Fletcher Valls (1953). Trata-se de recipiente datado no século II a. C., medindo 0,42 m de altura, decorado por denso conjunto de bandas horizontais, de cor vermelha escura, que, na parte superior, intercalam com motivos geométricos daquela mesma cor (Fig. 5-D).

Outro exemplar, com corpo de forma ovóide, colo alto, provido de canaleto envolvente, medindo 0,24 m de altura, que S. Nordström (1973, p. 191, 230) classificou como de bordo duplo, provém do povoado ibérico de La Serreta (Alicante). As suas paredes encontram-se decoradas, através de pintura de cor vermelha vinhosa, formando bandas horizontais e métopas com motivos geométricos, ondulados e ziguezagues. Abaixo do canaleto oferece duas asas verticais opostas, tendo sido datado, devido ao contexto que integrava, no século II a. C. (Fig. 5-F).

Vaso meleiro, possuindo corpo de forma semelhante ao acima referido foi encontrado no já mencionado povoado de San Miguel de Lória. Além do canaleto envolvente, mostra ressaltos no bordo, tendo em vista receber tampa de fecho hermético. A sua decoração é semelhante ao recipiente de La Serreta, que adiante mencionamos (Bonet Rosado e Izquierdo Peraile, 2001, p. 280, fig. 2) (Fig. 5-E).

Talha ou ânfora procedente de Bolbax, com corpo de forma ovóide e fundo côncavo, provida de duas asas, apresenta canal no colo (Mata Parreño e Bonet Rosado, 1992, p. 127, 149, fig. 4) (Fig. 6-A). Um outro pote, com asas verticais perfuradas, tendo em vista receber tampa de fecho hermético, oriundo do Castellet de Barnabé, possui, sobre o colo, canal (Mata Parreño e Bonet Rosado, 1992, p. 142, 173, fig. 28) (Fig. 6-C). Registámos ainda na Andaluzia Oriental, no povoado de Los Molinicos (Múrcia), a presença de pote meleiro, atribuído aos séculos V-IV a. C. e, portanto, mais recuado que os restantes paralelos coligidos (Lillo Carpio, 1993, p. 153, est. XVIII) (Fig. 6-B).

Mais próximo do Sul de Portugal, o conjunto edificado de La Mata (Badajoz), com cronologia dos séculos VI-V a. C., entregou dois potes meleiros de grandes dimensões, um dos quais evidenciando algumas

semelhanças com exemplar de *Bracara Augusta* (Rodríguez Díaz, 2004, p. 711, 865) (Fig. 6-D, E).

A decoração do recipiente agora dado a conhecer, mostra estreitas afinidades com a temática da cerâmica pintada ibérica, da Catalunha e Andaluzia Oriental, produzida entre os séculos IV e II a. C. (Período Ibérico Pleno).

Em muitos daqueles exemplares observam-se linhas horizontais, ou bandas, e a utilização de motivos, geométricos ou fitomórficos, integrados em cartelas. Estas são definidas por linhas horizontais e/ou verticais, adaptando-se a espaços delimitados pela própria morfologia dos recipientes. Todavia, foram preferencialmente decoradas as metades superiores das superfícies dos corpos dos recipientes.

No vaso dos Arrifes do Poço, além de se constatar aquela preferência, as cartelas rectangulares mostram, a cada um dos lados, ziguezagues ou gregas, dispostos verticalmente, temática ornamental com paralelos em vaso do Cerro de San Miguel de Liria (Valência) ou em exemplar de La Serreta (Alcoy) (Pericot, 1979, p. 135, 143, figs. 181, 200). Observam-se ziguezagues a delimitar cartelas em vaso daquele primeiro povoado fortificado (Pericot, 1979, p. 136, fig. 185) e gregas verticais em *kalathos* da mesma jazida (Pericot, 1979, p. 157, fig. 226) ou em grande vaso do povoado de Tossal de les Tenalles (Lérida) (Pericot, 1979, p. 193, fig. 301) (Fig. 7). As filas verticais de SSS constituem decorações afins das mencionadas e foram igualmente utilizadas como elementos de separação ou definidores de cartelas. Elas detectam-se, sobretudo, em *kalathoi* e em *pithoi*, dos séculos III e II a. C., evidenciando, a par do uso de gregas, contributos helenísticos (Nordström, 1973, p. 138; Bonet Rosado e Izquierdo Peraile, 2001, p. 279) (Fig. 7).

A grande forma ovalada que ocupa o centro das cartelas do vaso algarvio encontra-se, conforme registámos, acompanhada por duas espirais e quatro pequenos elementos, também de forma oval. Esta composição mostra a mesma concepção dos motivos que decoram as paredes de vaso do Cabezo de Alcalá de Azaila (Teruel), onde ao elemento central triangular se associaram linhas curvas que terminam em espirais (Pericot, 1979, p. 225, 226, 228, figs 364, 365, 367) (Fig. 8-B).

Temática idêntica àquela surge em vasos de La Albufereta, do Cerro de San Miguel de Liria e em recipiente cilíndrico (*kalathos*) do povoado de Cabecico del Tesoro, em Verdolay (Murcia), embora os motivos centrais sejam claramente fitomórficos (Nordström, 1973, p. 48, fig. 10; Pericot, 1979, p. 27, figs. 31, 228, 365) (Fig. 8-C, D, E).

As espirais são dos temas decorativos mais recorrentes da denominada cerâmica ibérica, em geral constituindo pares, conforme também surgem no vaso dos Arrifes do Poço, ou integrando séries, e tanto foram associadas apenas a motivos geométricos, como à gramática fitomórfica e zoomórfica.

As séries de curtos traços verticais, ou franjas, observadas na superfície exterior do canaleto, do vaso de Aljezur, encontram paralelo nas teorias de linhas que, com idêntica disposição, preenchem parte das três largas cartelas que decoram a superfície de garrafa, com corpo cilíndrico e asa, procedente de Tugia (Jaén) (Pericot, 1979, p. 13, fig. 5b).

Não são raras, na ornamentação das asas das cerâmicas ibéricas, as séries de pequenos traços horizontais, que também mostra o vaso agora estudado, tal como exemplar, com corpo de forma algo similar, da necrópole de Hoya de Santana (Albacete) ou pote de Mahora (Albacete) e, ainda, as grandes talhas de La Albufereta (Alicante) (Pericot, 1979, p. 25, 26, 45, figs. 27, 29, 58). E até a sucessão de pequenos pontos circulares, do vaso precedente do Algarve, que à primeira vista sugerem corresponder a acidente ocorrido durante a pintura, permitem paralelo com profusa iconografia vascular das produções ibéricas, designadamente em vaso do Tossal de Manises (Alicante) (Pericot, 1979, p. 69, fig. 90).

Julgamos que os grandes motivos pintados observados nas métopas podem ter tido significado ambíguo, ou seja, representarem elementos fitomórficos mas, ao mesmo tempo, enormes abelhas, muito estilizadas.

Aquela última interpretação conta com a reprodução do corpo de tais insectos no largo motivo fusiforme e com as duas asas, figuradas através das espirais que o rodeiam.

O grau de abstracção alcançado é, de facto, enorme, mas representações de abelhas reconhecidas, sobre outros suportes, em diferentes pontos do Mediterrâneo e com distintas cronologias proto-históricas, oferecem soluções semelhantes. Assim, reconhecem-se cinco abelhas estilizadas ao centro do disco, de ouro, de Bensafirim (Lagos), onde intercalam com igual número de pendentes em dupla espiral, símbolos com valor apotropaico, e foram associadas a inscrição. Cartela circular, preenchida com SSS, remata aquela composição. Esta peça foi recolhida na área da necrópole da I Idade do Ferro (Rocha, 1904, est. III, fig. 43). Também fíbula de ouro, de Cádiz, atribuída ao século IV a. C., reproduz, com verismo, abelha (Nicolini, 1990, est. 193).

O grande tesouro descoberto em Salvacañete (Cuenca), inclui placa de prata, contendo representação antropomórfica associada a ave e a abelha, talvez figurando Artémis ou divindade com ela sincretizada (Cabré, 1936, p. 154, est. VI; Raddatz, 1969, p. 247, est. 50:5).

Iconografia afim da mencionada pode ser recenseada no Mediterrâneo Oriental, conforme ilustra pequena abelha, de ouro, procedente de Creta, que faz hoje parte das coleções do *British Museum*, conhecendo-se pendente encontrado no túmulo Chrysolakkos, de Mallia, no Norte de Creta, com duas abelhas rodeando favo de mel, datado em 1700-1600 a. C. e conservado no Museu Arqueológico de Heraklion (Higgins, 1979, p. 23, 24, 60, 61, figs. 14, 61). Anel com abelha, de ouro, foi exumado em túmulo micénico de Tebas de 1400-1200 a. C. (Buchholz e Karageorghis, 1973, p. 111, 390, n.º 1356).

Ajuda a recensear a iconografia onde aquele insecto assume claro valor apotropaico, a placa de ouro de Camiros (Rodes), com deusa-abelha rodeada por dois motivos florais (séc. VII a. C.) (Gimbutas, 1974, p. 189, fig. 179; Boardman, 1980, p. 94, fig. 108), ou a placa circular, naquele mesmo metal, contendo representação de abelha, da sepultura 111 de Micenas (Schliemann, 1878, p. 168, fig. 243).

A cerâmica ibérica contém no seu bestiário representações de insectos aquáticos, de longos membros, como os alfaiates ou cabras (*Hydrometra stagnorum*), de mosquitos (Nordström, 1973, p. 153, 154) e, agora, de abelhas.

Recordemos que a iconografia vascular ibérica não só mostra abundantemente a ligação de figuras zoomórficas e, até, antropomórficas, com elementos vegetalistas, mais ou menos geometrizados, como naquela se reconhece forte ambivalência dos símbolos gráficos. Como bem notou T. Tortosa Rocamora (1996, p. 188, 189), ali se recorre à idealização e à ambiguidade, afastando-se propositadamente as formas da realidade e do naturalismo, construindo-se, em contrapartida, hibridizações, que observamos em animais fantásticos e em plantas, por certo reflectindo complexo universo mítico, conotado com o mundo sócio-religioso de então.

4. Da importância do mel

O mel, produzido pelas abelhas (*Apis mellifera* L., 1758) constituiu significativo recurso alimentar, proporcionado pelas florestas e

bosques às sociedades humanas pré e proto-históricas, por certo desde os tempos mais remotos daquelas, quando a economia se circunscrevia à apropriação dos bens proporcionados pela natureza, através da recollecção.

Pinturas do Levante Peninsular (La Araña, Dos Aguas e outras) documentam aquela actividade, em tempos neolíticos (Dams, 1984, p. 230, 231) e o mel da Lusitânia foi elogiado por Plínio (*N.H.*, XXI, 43, 73). Ânfora dos séculos VI-V a. C., encontrada em La Mata (Badajoz), continha restos de mel de abelha, ali se tendo também identificado fragmentos de dois potes meleiros, conforme registámos (Rodríguez Díaz, 2004, p. 448).

Com múltiplas aplicações na Proto-história e na Antiguidade greco-romana, o mel foi, desde logo, usado como alimento e adoçante, em paralelo com a sua utilização na farmacopeia (fortificante, anti-céptico, cicatrizante, geriátrico, etc...), sendo capaz de conservar e de condimentar alimentos. Também teve serventia industrial, na tinturaria com púrpura, na perfumaria e na cosmética. A sua larga aplicação culinária e medicinal introduziu-o no mundo sócio-religioso e simbólico, relacionando-se com a fertilidade, a prosperidade e o bem-estar em geral ou, até, com a imortalidade.

O mel foi considerado alimento puro e doce, predilecto das divindades, ou alimento do Paraíso, tido como capaz de desenvolver a sabedoria e a eloquência, sendo utilizado em libações, misturado com água, leite, vinho ou vinagre, em especial durante as celebrações fúnebres e cerimónias iniciáticas. Não raro as abelhas foram interpretadas como receptáculos das almas dos mortos, como em Platão, acreditando-se que eram capazes de as conduzir ao mundo divino e imortal, dado que aqueles muito laboriosos insectos desaparecem no interior das colmeias durante os três meses de Inverno, ressurgindo, como que ressuscitados, na Primavera.

Porfírio transmitiu a tradição antiga de dar-se o nome de *melissae* (abelhas) às sacerdotisas de Deméter, em Elêusis e Éfeso, tendo-se representado a deusa Artémis, irmã gémea de Apolo, através de abelhas, ou com asas, dado o seu poder de conferir a regeneração periódica e a fecundidade, como a sua ligação ao mundo selvagem e natural, reflectindo antigos cultos minorasiáticos (Gimbutas, 1974, p. 181, 182, 198). A pitonisa de Delfos, que fazia a ligação entre o real e o transcendente, era apelidada de “abelha”, dada a sua reconhecida sabedoria (Balandier, 1993, p. 118).

Ainda segundo a mitologia grega, as abelhas foram domesticadas por Aristeus, legendário rei-civilizador da Arcádia, o “senhor do mel”, conforme foi denominado por Ovídio. E Zeus, quando criança, terá sido alimentado com mel, por Melisseus, rei de Creta.

Naquela ilha do Mediterrâneo Oriental, durante o Período Minóico, a cidade de Knossos oferecia mel à deusa Ereuthyia (*Eleithyia*), a que se prestava culto em gruta de Amnisos (Rutkowski, 1986, p. 64).

As imagens de abelhas tornaram-se importantes símbolos apotropaicos, da ressurreição, felicidade, trabalho e ordem, por certo devido às variadas utilizações dadas ao mel, reconhecidamente capaz de proporcionar vida longa e saudável, mas cuja cor amarela é, também, a do ouro e a do Sol.

O mel constituiu recurso significativo, não só para as sociedades predadoras da Natureza como para as agro-pastoris, tendo sido comercializado e, até, conduzido a activo tráfico ocorrido no mundo helenístico, altura em que os recipientes que o transportavam, na região do Mar Negro, eram marcados com selos em forma de abelha, tornando-se ofertas de prestígio, destinadas às elites e aos santuários (Balandier, 1993, p. 99).

5. Conclusões

Tanto a qualidade da pasta, constituída por argila clara, pobre em ferro, contendo elementos não plásticos quartzosos e grãos de cal, como a forma e a decoração pintada, com óxido de ferro vermelho, do vaso dos Arrifes do Poço, indicam pertencer a produção da denominada cerâmica ibérica.

Aquela é característica da Proto-história Recente da região litorânea, que da Andaluzia atinge os Pirinéus e o Sul da França, distinguindo-se os estilos Valenciano, no Nordeste Peninsular, de Elche-Archena, no Sudeste, e o da Andaluzia Ocidental.

A difusão daquelas produções, nomeadamente as andaluzas, alcançaram alguns pontos interiores da Meseta e, esporadicamente, Portugal. De facto ali são, por ora, raras as ocorrências de cerâmicas com aqueles atributos, conhecendo-se apenas exemplares com decoração geométrica pintada, sobretudo constituída por bandas horizontais paralelas, a que se associam, por vezes, teorias de semicírculos ou de segmentos circulares

concêntricos, como os procedentes de alguns povoados e de necrópoles (Beirão e Gomes, 1983, p. 228-231).

As características da matéria-prima usada no recipiente encontrado no Algarve, permitem integrá-lo na cerâmica abrançada, do tipo Albufereta, de S. Nordström (1973, p. 83, 88), formada por pastas claras, oferecendo inclusões brancas de quartzo e calcite, mas sem partículas visíveis de mica, originando, após cozedura, paredes duras, onde se observam três camadas de diferentes cores, com a mediana cinzenta e as duas exteriores vermelhas, sendo manufacturadas entre o século IV a. C. e a nossa Era.

A forma fechada, ovóide achatada, o fundo algo convexo e as quatro asas, com perfil quase recto, do vaso dos Arrifes do Poço, indicam tratar-se de vasilha elaborada para ser dependurada. A presença do canaletto, que envolve o bordo, e a possibilidade de este poder receber tampa hermética, de cerâmica, indicam-nos a função do recipiente como vaso meleiro, cujo conteúdo importava proteger, por diferentes processos, dos insectos, nomeadamente das formigas.

O conteúdo do vaso era, ainda, cuidadosamente acondicionado, através do engobe aplicado às suas paredes exteriores, isolando-as, de modo a melhor conservar o mel, não permitindo o seu escorrimento para o exterior mas, também, evitando a penetração de humidades e a acção negativa das grandes amplitudes térmicas que, porventura, pudessem ocorrer.

Conforme mencionámos, o vaso meleiro dos Arrifes do Poço encontrava-se aparentemente desprovido de contexto arqueológico. Outros vasos meleiros, procedentes de jazidas sidéricas, que reunimos e com os quais estabelecemos paralelos, surgiram em povoados, pelo que o vaso algarvio parece constituir excepção. De facto, prospecção da zona onde aquele foi encontrado não permitiu, por ora, detectar restos arquitectónicos ou de outros materiais arqueológicos, embora ali se recolhessem os espólios medievais inicialmente referidos.

O vaso meleiro dos Arrifes do Poço foi, por certo, importado, da Andaluzia Oriental ou da costa Levantina da Península Ibérica, ali integrando etapa cultural conhecida por Período Ibérico Pleno, situado do século IV ao II a. C.

Trata-se, pois, de peça singular, cuja forma, técnica de fabrico e decoração indicam uso particular, que devemos atribuir aos séculos III-II a. C., devido aos paralelos coligidos, onde se faz sentir alguma influência, formal e decorativa, helenística. Ela pode ter feito parte dos

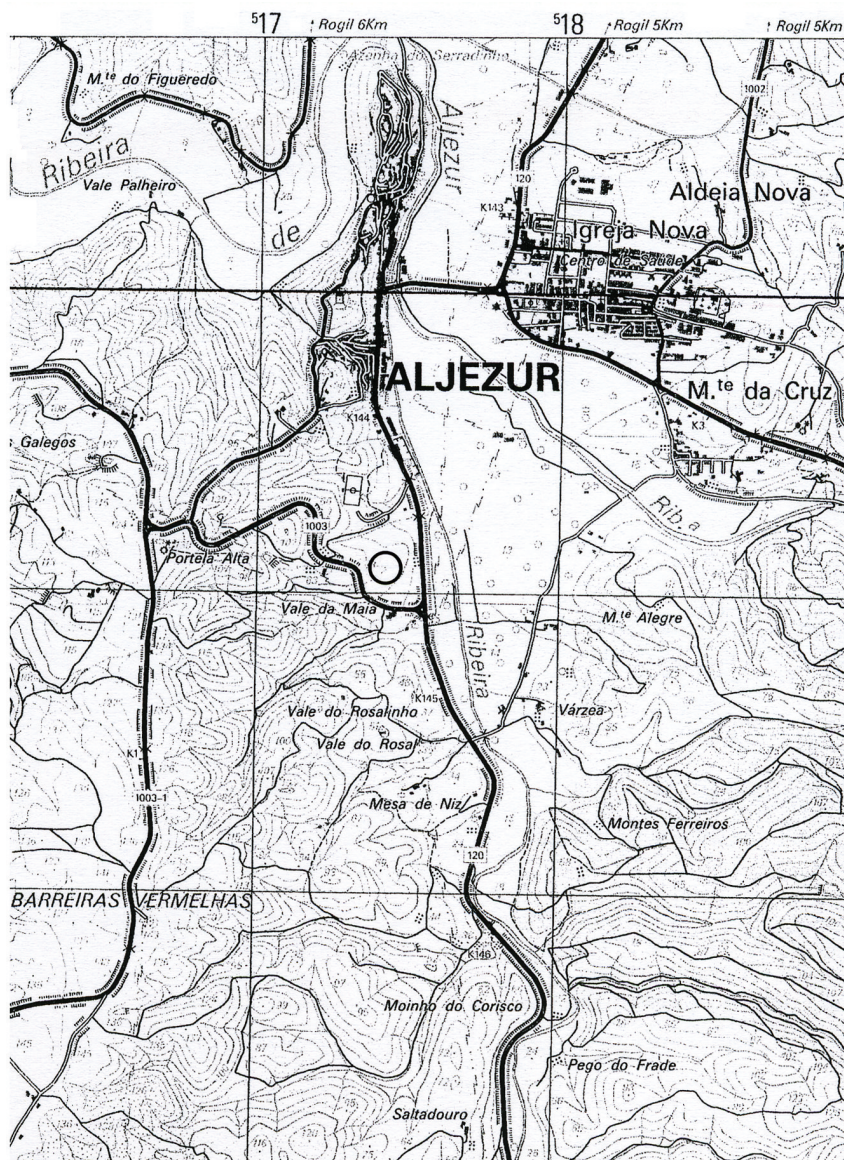
bens sumptuários de habitação, por hora desconhecida, embora ali não se identificassem outros materiais sidéricos ou, quiçá, ter constituído oferta a santuário rupestre.

Segundo aquela hipótese, os grandes afloramentos rochosos, responsáveis pelo topónimo como é conhecido o lugar onde o vaso foi encontrado, teriam enformado o cenário ideal para as manifestações sócio-religiosas então desenvolvidas, talvez conotadas com divindade(s) ctoniana(s), detentora(s) do poder da regeneração e da vida.

BIBLIOGRAFIA

- ASENCIO I VILARÓ, D.; FRANCÈS I FARRÉ, J.; FERRER E ÀLVAREZ, C.; GUÀRDIA I LLORENS, M.; SALA I NAVAS, O. (2000-01) – “Resultats de la campanya de 1998/1999 i estat de la qüestió sobre el nucli laietà del Turó de Ca n’Olivé (Cerdanyola, Vallès Occidental)”. *Pyrenae*. Barcelona. 31-32, p. 163-199.
- BALANDIER, C. (1993) – “Production et usages du miel dans l’Antiquité Gréco-Romaine”. In *Des Hommes et des Plantes*. Aix-en-Provence: Université de Provence, p. 93-125.
- BEIRÃO, C. DE M.; GOMES, M. V. (1983) – “A necrópole da Idade do Ferro do Galeado (Vila Nova de Milfontes)”. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV, 1, p. 207-266.
- BOARDMAN, J. (1980) – *The Greeks Overseas, Their Early Colonies and Trade*. Londres: Thames and Hudson.
- BUCHHOLZ, H.-G.; KARAGEORGHIS, V. (1973) – *Prehistoric Greece and Cyprus*. Londres: Phaidon Press.
- BONET ROSADO, H.; IZQUIERDO PERAILE, I. (2001) – “Vajilla ibérica y vasos singulares del área valenciana entre los siglos III y I A.C.” *Archivo de Prehistoria Levantina*. Valência. 25, p. 273-313.
- CABRÉ, J. (1936) – “El tesoro de plata de Salvacañete (Cuenca)”. *Archivo Español de Arte y Arqueología*. Madrid. 35, p. 151-159, VIII ests.
- DAMS, L. (1984) – *Les Peintures Rupestres du Levant Espagnol*. Paris: Éditions Picard.
- DELGADO, M. (1996-97) – “Potes meleiros de Bracara Augusta”. *Portugália*. Porto. Nova série. XVII-XVIII, p. 149-165.
- FERNANDES, I. M. (2003) – “Vasilhas: em barro se fazem, de barro se usam – o quotidiano visto através da olaria”. In *Olaria Portuguesa: do fazer ao usar*. Lisboa: Assírio & Alvim, p. 61-71.
- FLETCHER VALLS, D. (1953) – “Una nueva forma en la cerámica ibérica de San Miguel de Liria (Valencia)”. *Zephyrus*. Salamanca. 6, p. 187-191.
- GIMBUTAS, M. (1974) – *The Gods and Goddesses of Old Europe. 7000-3500 BC. Myths, Legends & Cult Images*. Londres: Thames and Hudson.
- HIGGINS, R. (1979) – *The Aegina Treasure. An Archaeological Mystery*. London: British Museum Publications.

- LILLO CARPIO, P. (1993) – *El poblado ibérico fortificado de Los Molinicos, Moratalla (Murcia)*. Murcia: Consejería de Cultura, Educación y Turismo.
- MARTÍN-BUENO, M.; MARTINEZ-TOLEDO, F. G. (1981) – “Análisis de pigmento para cerámica ibérica”. *Bajo Aragon Prehistoria*. Zaragoza. 3, p. 89-90.
- MATALOTO, R. (2004) – *Um “monte” da Idade do Ferro na Herdade da Sapatoa: ruralidade e povoamento no I milénio a. C. do Alentejo Central*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.
- MATA PARREÑO, C.; BONET ROSADO, H. (1992) – “La cerámica ibérica: Ensayo de tipología”. In *Estudios de Arqueología Ibérica y Romana. Homenaje a Enrique Pla Ballester*. València: Diputación Provincial de Valencia. p. 117-173.
- NICOLINI, G. (1990) – *Techniques des Ors Antiques. La Bijouterie Ibérique du VII^e au IV^e Siècle*. Paris: Éditions Picard.
- NORDSTRÖM, S. (1973) – *La Ceramique Peinte Iberique de la Province d’Alicante*. I e II. Stockholm: Acta Universitatis Stockholmiensis.
- PERICOT, L. (1979) – *Ceramica Iberica*. Barcelona: Ediciones Polígrafa, S. A.
- RADDATZ, K. (1969) – *Die Schatzfunde der Iberischen Halbinsel von Ende des Dritten bis zur Mitte des Ersten Jahrhunderts vor Chr. Geb*. Berlin: Walter de Gruyter & Co.
- ROCHA, A. dos S. (1904) – “Estudo sobre um artefacto pré-romano d’ouro descoberto no Algarve”. *Boletim da Sociedade Archeologica Santos Rocha*. Figueira da Foz. 1, p. 64-67.
- RODRÍGUEZ DÍAZ, A. (2004) – *El Edificio Prohistórico de «La Mata» (Campanario, Badajoz) y su Estudio Territorial*, I. Cáceres: Universidad de Extremadura.
- RUTKOWSKI, B. (1986) – *The Cult Places of the Aegean*. New Haven: Yale University Press.
- SCHLIEMANN, H. (1878) – *Mycenae; a narrative of researches and discoveries at Mycenae and Tiryns*. Londres: John Murray.
- SILVA, A. C. F. DA; GOMES, M.V. (1992) – *Proto-história de Portugal*. Lisboa: Universidade Aberta.
- TORTOSA ROCAMORA, T. (1996) – “Los signos vegetales en la cerámica ibérica de la zona alicantina”. In *Iconografía Ibérica, Iconografía Itálica: Propuestas de Interpretación y Lectura*. Madrid, p. 177-191.
- VIANA, A.; FORMOSINHO J.; FERREIRA, O. DA V. (1953) – “De lo preorromano a lo arabe en el Museo Regional de Lagos”. *Archivo Español de Arqueología*. Madrid. XXVI, p. 113-138, VIII ests.
- VIDAL BORDÉS, F. J. (2003) – “La cerámica ibérica pintada”. *Ál-Qannís*. Alcañiz. 10, p. 61-76.



*Localização do sítio dos Arrifes do Poço
(seg. a C.M.P., n.º 584, Aljezur, S.C.E.P., 1979).*

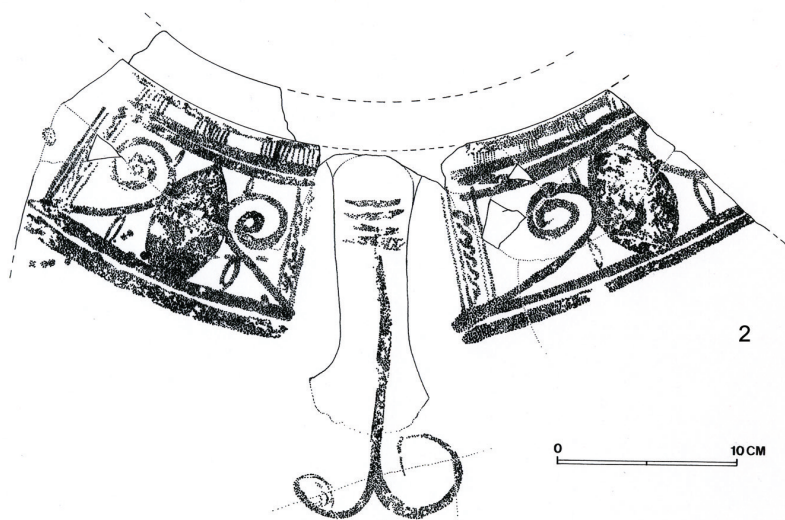
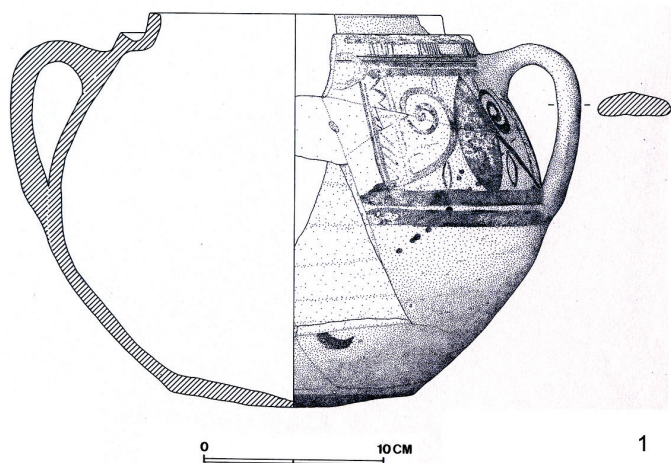
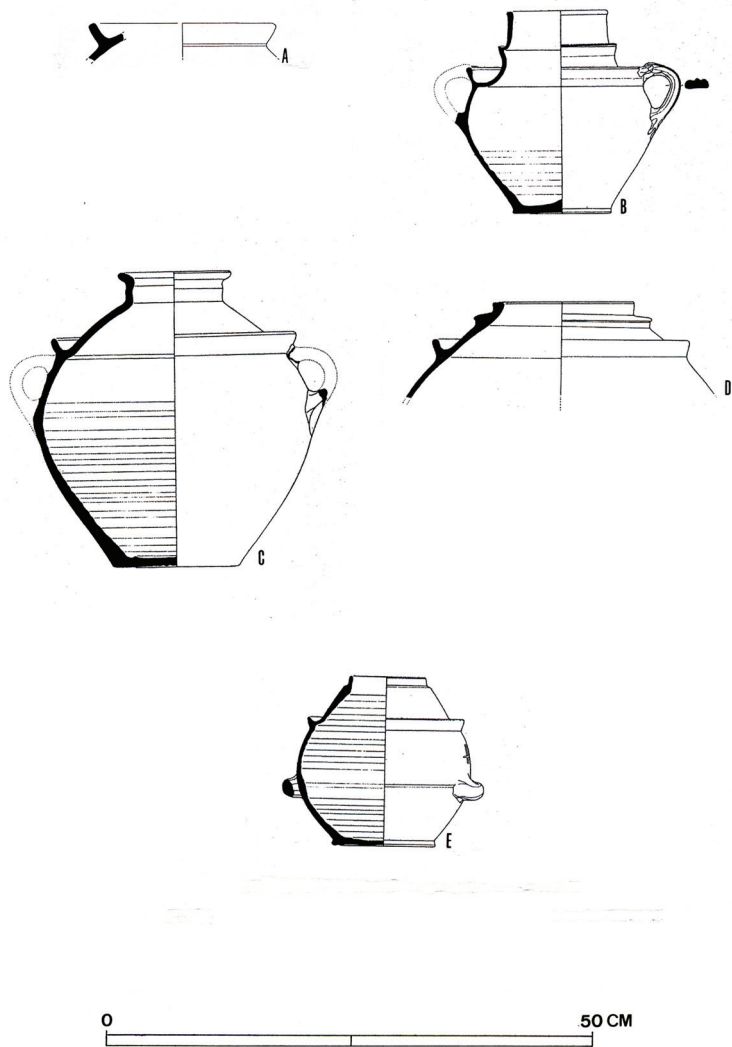
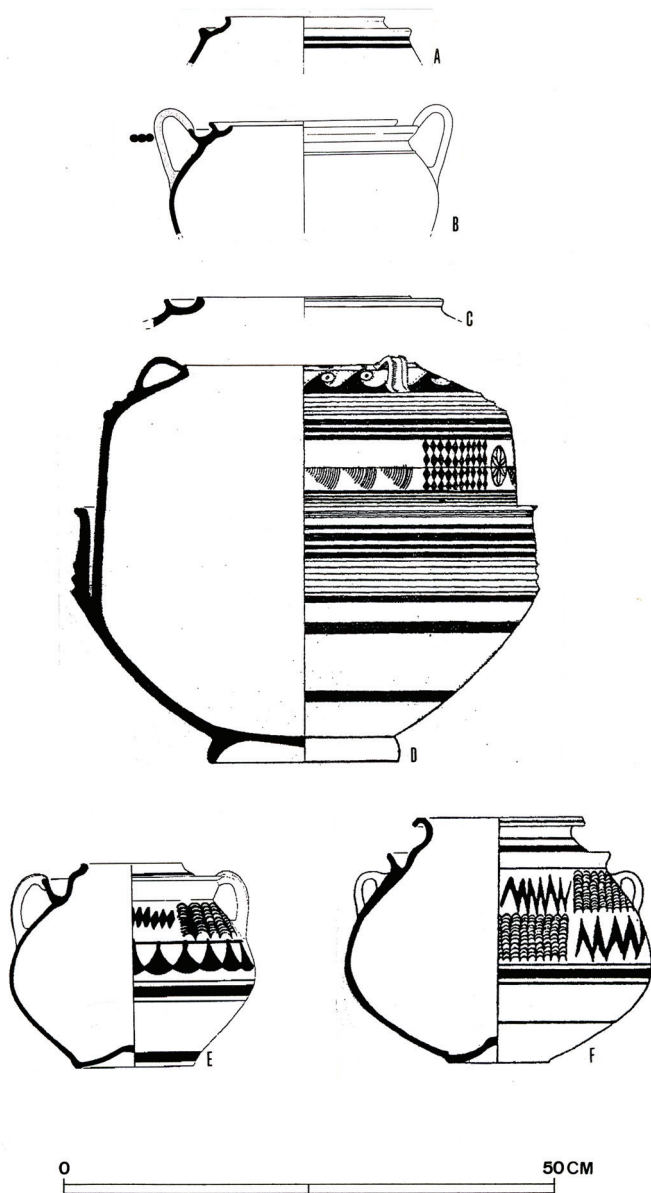


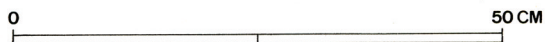
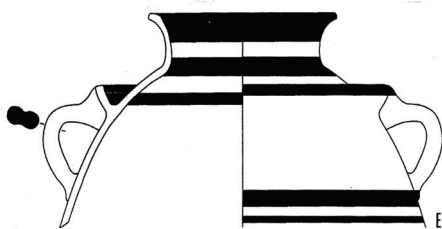
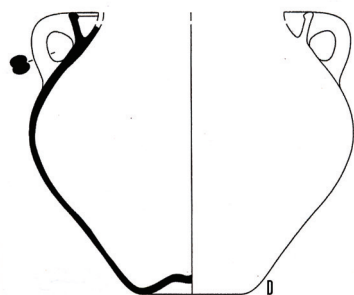
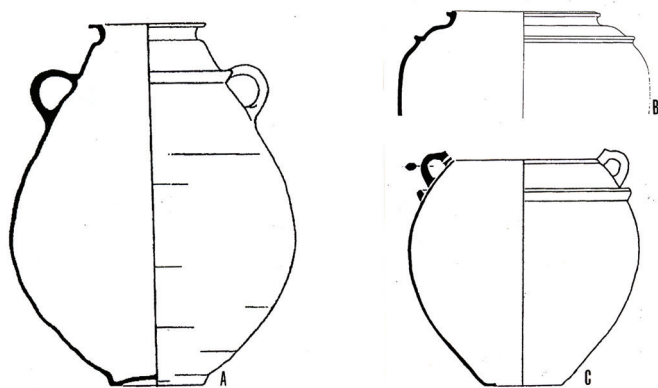
FIG. 1 – Pote meleiro dos Arrifes do Poço (Aljezur) (des. de J. Gonçalves).
FIG. 2 – Parte da decoração, planificada, do pote meleiro (des. de J. Gonçalves).



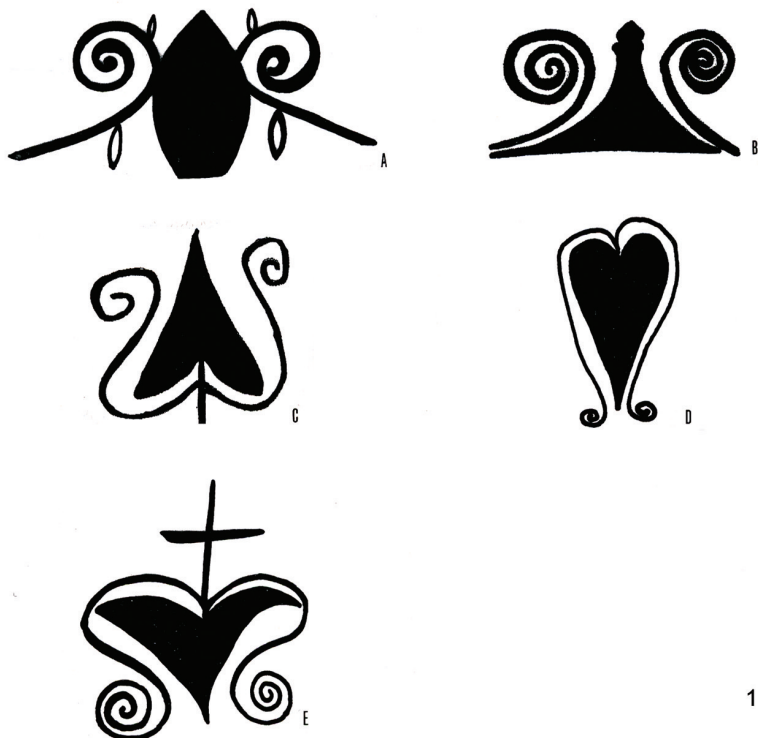
Potes meleiros, da Herdade da Sapatoa (A) e de de Bracara Augusta (B-E)
 (seg. Mataloto, 2004, p. 87 e M. Delgado, 1996-97, p. 160).



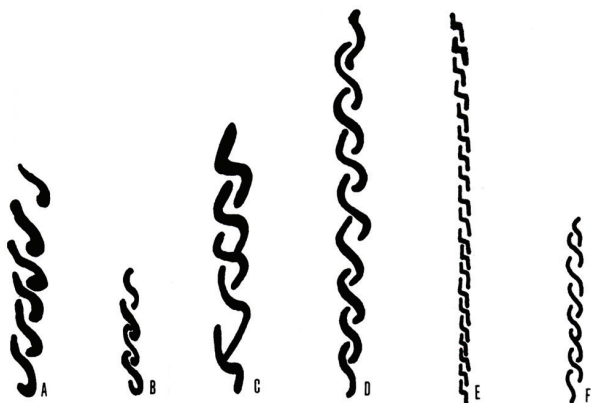
Potes meleiros. A, El Palao (Alcañiz); B, C, Turó de Ca n'Olivé (Cardanyola); D, E, San Miguel de Llíria; F, La Serreta (Alicante) (A, seg. V. Bordés, 2003, p. 69; B, seg. Asensio i Vilaró et alii, 2000-01, pp. 194, 196, figs. 25, 26; C, seg. D. Fletcher Valls, 1953, p. 189, fig. 2; E, seg. Bonet Rosado e Izquierdo Peraile, 2001, p. 280, fig. 2; F, seg. S. Nordström, 1973, p. 230, fig. 20-8).



Talha e potes meleiros. A, Bolbax; B, Los Molinicos; C, Castellet de Bernabé (a escalas diverses); D, E, La Mata (A, seg. Lillo Carpio, 1993, p. 153, est. XVIII; B, C, seg. C. Mata Parreño e H. Bonet Rosado, 1992, p. 149, 173, figs. 4, 28; D, E, seg. Rodríguez Díaz, 2004, p. 711, 865).



1



2

FIG. 1 – Gregas pintadas. A, B, Arrifes do Poço; C, Cerro de San Miguel de Lória; D, Tossal de les Tenalles; E, Cerro de San Miguel de Lória; F, La Serreta (C-F, seg. L. Pericot, 1970, figs. 181, 200, 226, 301).

FIG. 2 – Motivos fitomórficos e espirais. A, Arrifes do Poço; B, Cabezo de Alcalá de Azaila; C, La Albufereta; D, Cerro de San Miguel de Lória; E, Cabecico del Tesoro de Verdolay (B, D, E, seg. L. Pericot, 1979, figs. 31, 228, 365; C, seg. S. Nordström, 1973, p. 48, fig. 10).